

Empiristas Britânicos

John Locke, George Berkeley

e

David Hume

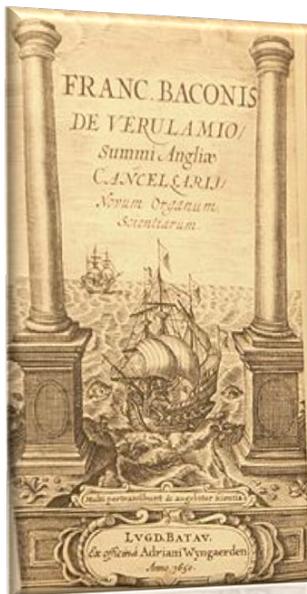
Breve referência a Francis Bacon



(1561—1626)

“O apelo de Sir Francis Bacon por volta do início do séc. XVII [*Novum Organum*, 1620] para a criação de uma *ciência baseada na observação do mundo* e a coleção dessas observações num quadro de referência coerente por meio do *raciocínio indutivo* constituiu (...) um desafio para os pensadores ortodoxos. Este contexto para as novas filosofias colocou o estudo do homem dentro de um enquadramento teórico naturalista”

In Pickern, W.E. & Rutherford, A. (2010). *An History of Modern Psychology in Context*, Hoboken: Wiley, (p. 5)



Novum Organum
Capa da edição de 1650

Ver <http://www.iep.utm.edu/bacon/#SH2i>



1632-1704

John Locke

“Tal como Descartes, ... Locke não era um protopsicólogo, nem procurou estabelecer uma disciplina de Psicologia. Locke *estava preocupado em encontrar uma base para a sociedade civil que diminuísse a probabilidade de conflito incessante e perda de vidas humanas*. Para Locke o modo de o conseguir era ajudando as pessoas a formar ideias claras e distintas, livres dos excessos dos entusiasmos políticos e religiosos.”

In Pickern, W.E. & Rutherford, A. (2010). *An History of Modern Psychology in Context*, Hoboken: Wiley, (p. 6)

Razões:

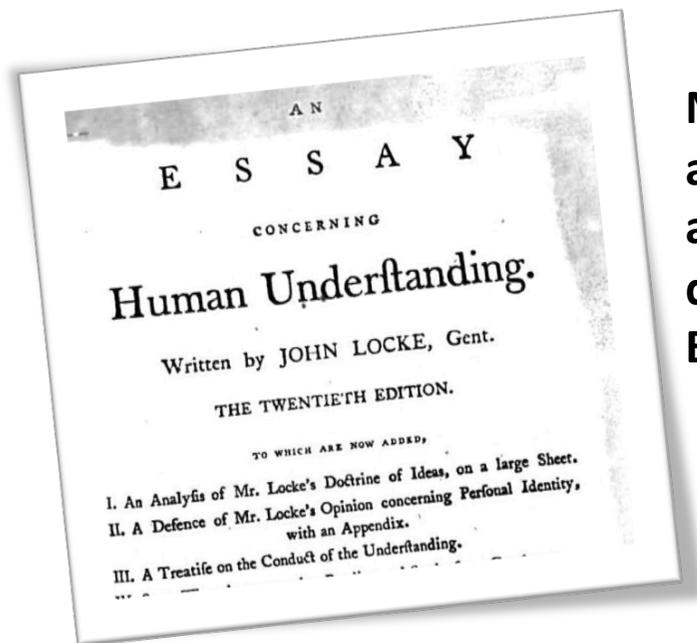
Desde os seus dez anos de idade (1642) que Inglaterra vivia a sua Primeira Guerra Civil que durou 19 anos (1661) e que teve como pano de fundo o conflito religioso entre católicos e protestantes. Politicamente digladiavam-se os poderes reais e os parlamentares. A morte por decapitação de Carlos I, “talvez tenha marcado a passagem de uma era em que o monarca representava Deus na terra.” (*idem*, p. 7)



Oliver Cromwell
(1599-1658)

1st Lord Protector of the Commonwealth of England, Scotland and Ireland, desde a decapitação de Carlos I de Inglaterra

John Locke



No Ensaio sobre o Entendimento Humano (1690) Locke apresenta os elementos de análise do Entendimento avançando, desde logo, no pressuposto de que o Homem dispõe, ao contrário dos outros seres sensíveis, de um Entendimento que lhe dá vantagem e domínio sobre estes

O **Entendimento**, como o olho, apesar de nos fazer ver e perceber todas as outras coisas, não dá conta de si próprio; e é necessária arte e sofrimento para colocá-lo à distância, e torná-lo o seu próprio objecto

BOOK I. CHAP. I.

Introduction.

§. 1. **S**INCE it is the understanding, that sets man above the rest of sensible beings, and gives him all the advantage and dominion, which he has over them; it is certainly a subject, even for its nobleness, worth our labour to enquire into. The understanding, like the eye, whilst it makes us see and perceive all other things, takes no notice of itself; and it requires art and pains to set it at a distance, and make it its own object. But, whatever be the difficulties that

An enquiry into the understanding; pleasant and useful.

John Locke

Principais concepções de Locke sobre o conhecimento e como o adquirimos

Papel em Branco ou *Tabula Rasa* – oposição ao *Inatismo*

Mente e não Alma

Todas as ideias vêm da sensação ou da reflexão

§. 2. Let us then suppose the mind to be, as we say, **white paper**, void of all characters, without any ideas; how comes it to be furnished? Whence comes it by that vast store which the busy and boundless fancy of man has painted on it, with an almost endless variety? Whence has it all the materials of reason and knowledge? To this I answer, in one word, from experience; in all that our knowledge is founded, and from that it ultimately derives itself. Our observation employed either about external sensible objects, or about the internal operations of our minds, perceived and reflected on by ourselves, is that which supplies our understandings with all the materials of thinking. These

All ideas come from sensation or reflection.

Ideas of *sensation* occur when we observe *external objects*, and ideas of *reflection* when we observe the *operations of our minds*. Thus we come by ideas of yellow, cold, square, sweet, and of perceiving, believing, willing (ii. i. 2–4).

A isto respondo, numa palavra, da experiência; em tudo o que o nosso conhecimento é fundado, e de onde em última análise deriva ele próprio

Operações internas das nossas mentes

Objectos externos sensíveis

John Locke

“... uma vez armazenadas no entendimento estas ideias simples, este tem o poder de repetir, comparar e unilas, mesmo numa variedade quase infinita e, assim, fazer novas ideias complexas a seu bel-prazer. Mas não está no poder do mais elevado espírito ou dilatado entendimento, através de uma qualquer inteligência ou variedade de pensamento, inventar ou erigir na mente uma nova ideia simples não trazida ao entendimento pelos meios antes mencionados: nem pode qualquer força do entendimento destruir aquelas que lá estão. Poderia pedir a alguém que tentasse imaginar um paladar qualquer que nunca tenha afectado o seu palato, ou capturar a ideia de um odor que nunca tenha cheirado: e quando o fizesse, concluiria que um homem cego tem ideias das cores, e um surdo noções verdadeiramente distintas dos sons.” (*Essay*, Book 2, Chapter 2)

John Locke

- **Principais concepções de Locke sobre o conhecimento e como o adquirimos**

Ideias: sensações ou dados sensoriais, memórias e conceitos

“whatsoever is the Object of the Understanding when a Man thinks’ ou ‘whatever it is which the Mind can be employ'd about in thinking’ (Essay, i. i. 8)

Por exemplo:

quando vejo um carro azul entre outras coisas tenho uma ideia de azul, quando recordo a cor de alguma coisa tenho uma ideia dessa coisa, quando penso sobre a liberdade opero com uma ideia de liberdade. Não são imagens mentais mas uma ideia pode ser uma imagem

(ver <http://psychology.jrank.org/pages/1405/Locke-on-mind.html>)

Ideias simples vindas do *mundo material através de sensações* – brancura, azedo, movimento

Ideias simples respeitantes à *mente vindas da reflexão* – perceber, desejar, lembrar, raciocinar

Em qualquer caso são átomos da experiência porque não podem ser divididos ou analisados em outras ideias

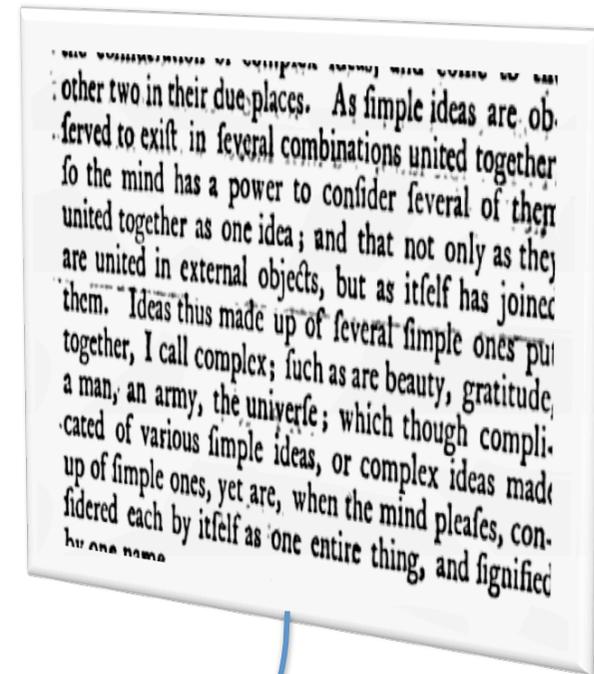


Isaac Newton
(1643-1727)

John Locke

• Principais concepções de Locke sobre o conhecimento e como o adquirimos Associação

- O Conhecimento é uma questão de colecção de experiências ou ideias recolhidas do mundo material.
 - Sendo que as ideias são simples ou complexas podendo ser feito o movimento de umas para as outras; das simples para as complexas o mecanismo é o da *associação*. Colhe, de algum modo, em **Isaac Newton** a concepção mecanicista do mundo físico expressa nos *Principia Mathematica* (1687) – substâncias complexas devidas a combinações de materiais menos complexos.
- A associação ou combinação está na base dos princípios da investigação psicológica científica que iriam ver a luz do dia no séc. XIX.



Tal como as ideias simples são observadas existindo em diversas combinações unidas em conjunto, também a mente tem o poder de considerar diversas dentre elas unidas como uma só ideia; e não apenas como estando unidas em objectos externos, mas enquanto unidas em conjunto pela própria mente
(*Essay*, Book 2, Chapter 2)

John Locke

- ... Ideias assim construídas de outras diversas e simples postas em conjunto, eu chamo complexas; tais como *beleza, gratidão, um homem, um exército, o universo.*” (*Essay*, Book 2, Chapter 2)
- Para Locke as emoções – medo, alegria, tristeza amor, arrependimento, etc. - acompanham ideias simples e complexas, todas elas derivadas de sentimentos básicos de prazer e dor
- A ligação de Locke com Robert Boyle, levou-o a considerar aquilo que este tinha descrito com o *qualidades primárias e secundárias.*



Robert Boyle
(1627-1691)

Filósofo Natural (físico), Químico, e inventor. Enunciou a lei que tem o seu nome: relação inversamente proporcional entre a pressão absoluta e o volume de um gás, mantendo a temperatura constante num sistema fechado. Foi um dos fundadores da *Royal Society* e pioneiro da Química Moderna

A hipótese corpuscular (Boyle) é emprestada à economia da experiência do entendimento:

“As qualidades primárias têm o poder de criar em nós ideias que correspondem a atributos físicos reais dos objectos físicos — por exemplo, as ideias de solidez, extensão, forma, movimento ou repouso e quantidade. ... Com as qualidades primárias existe uma correspondência entre o que está fisicamente presente e o que é experienciado psicologicamente. ... As qualidades secundárias dos objectos também têm poder de produzir ideias, mas as ideias que produzem não correspondem a qualquer coisa no mundo físico. As ideias produzidas por ideias secundárias incluem as ideias de cor, som, temperatura e paladar.”

George Berkeley

Berkeley adoptou uma doutrina chamada de *solipsismo*, *i.e.*, a crença de que **a única realidade que existe é a realidade subjectiva, daquele que experiencia pela percepção e que por isso pode ser conhecida** (e.g., a árvore que vejo existe apenas enquanto por mim percebida). Também pode ser dito: **“*ser é ser percebido*”**. Aceita que o conhecimento humano é feito apenas de ideias (tal como Locke) mas conclui que estas não decorrem de interacções com o mundo empírico, que considera ser impossível conhecer directamente. Apenas qualidades secundárias existem (as primárias estão apenas supostamente associadas ao mundo material).

Hergenhahn, B. R. (2000). *Introduction to The History of Psychology*: Wadsworth (p. 119-122)



George Berkeley
(1685–1753)

David Hume



David Hume
(1711-1776)

Escreveu o *Treatise of Human Nature, Being an Attempt to Introduce the Experimental Method of Reasoning into Moral Subjects*, em 1739-1740

“O que é uma relação? *É o que nos faz passar de uma impressão ou de uma ideia dadas à ideia de algo que não é actualmente dado.* (...) Para David Hume, a *relação é o efeito de princípios ditos de associação, contiguidade, semelhança, e causalidade* que, precisamente constituem uma *natureza humana*. Natureza Humana significa que *o que é universal e constante no espírito humano nunca é esta ou aquela ideia como termo, mas apenas maneiras de passar de uma ideia particular a outra.*”

Deleuze, G. (1981). Hume. In F. Châtelet (Ed.) *História da Filosofia: A Filosofia de Galileu a J.-J. Rousseau*. [pp.219-229]. Lisboa: D. Quixote.

A relação de *causalidade* apenas atrai o espírito para a crença de que algo que me é dado à experiência se liga com algo que não me é dado à experiência. Apenas experiencio a contingência particular de um efeito que, por crença na sua repetição (hábito) se liga a uma causa - algo que presumivelmente aconteceu antes da minha experiência mas que nunca me é dado experienciar (sensivelmente). Consoante as inclinações (graus de crença, ou probabilidades subjectivas, que tenho) devidas às paixões (desejos) e associações de ideias (contiguidade, semelhança, causalidade) que se formam na mente, o Eu imagina um mundo que não pode ser dado na totalidade pela experiência nem pode constituir-se como universal e necessário na razão – cepticismo.